

AÍE ENTÃO E A HIPÓTESE DA TRAJETÓRIA UNIVERSAL

Maria Luiza Braga¹
Renata Cristina Valladares P. da Silva²
Suelen Mendes Soares²

Ao longo das duas últimas décadas, diversos estudiosos da gramaticalização propuseram princípios/parâmetros que permitissem abordar, de forma integrada, fenômenos diferentes desse campo do saber. A título de exemplo, citem-se os princípios de Hopper (1991), voltados para a identificação de itens que estão nos estágios iniciais do processo de gramaticalização, e os parâmetros de Lehmann (1982), voltados para a aferição dos graus de gramaticalidade das formas lingüísticas.

Mais recentemente, Bybee et al. (1994), ao investigarem o surgimento dos morfemas gramaticais, *grams* na terminologia deles, capazes de codificar tempo, aspecto e modalidade verbais, a partir de um *corpus* constituído por numerosas línguas não relacionadas, propõem um conjunto de hipóteses, que são arroladas a seguir:

1. determinação pela fonte;
2. unidirecionalidade;
3. trajetórias universais;
4. retenção dos significado original;
5. conseqüências da retenção semântica;
6. redução semântica e fonológica;
7. estratificação;
8. relevância.

As chamadas hipóteses são de estatuto desigual. Considerem-se, a título de ilustração, *unidirecionalidade* e *conseqüências da retenção semântica*. A primeira é uma asserção sobre a própria natureza dos fenômenos e processos de gramaticalização; a segunda, por seu turno, é quase uma consideração sobre as conseqüências metodológicas da preservação de diferentes significados / funções por um item / construção que está se gramaticalizando:

...the unidirectionality hypothesis is fundamentally an assertion about the orderliness and tractability of semantic change... Change by inference as well as by generalization appears to be unidirectional. To the extent that metaphors change enters into grammaticization, it also produces predictable, unidirectional semantic change... In addition to the unidirectionality of semantic change in grammaticization, there is abundant evidence for unidirectionality in the grammatical and phonological change that accompanies grammaticization... For the evolution of grammatical material in general, then, we posit a direction characterizable as involving a series of developments by which the originally concrete and specific meanings associated with lexical material are gradually eroded, with the resulting grams displaying increasingly abstract and general meaning. At the same time, reduction of form takes place along with a growing dependence of the gram on material in its environment. (Bybee et al. 1994, p.12-4)

The notion that grammatical meaning consists of semantic substance that has evolved in a predictable way from lexical meaning and that grams often retain traces of this lexical meaning has consequences for synchronic analysis, for comparative studies, and for internal

¹ Departamento de Lingüística – Faculdade de Letras – UFRJ – 21941-590 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil.

² Auxiliares de pesquisa – Faculdade de Letras – UFRJ – 21941-590 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil.

reconstruction... Thus we find that multiple uses and the retention of lexical specificities can be employed as diagnostics of the earlier history of grammatical material, even in languages for which historical attestation is sparse or nonexistent... Just as full and reduced phonetic forms of individual lexemes or grams constitute a synchronic record of earlier history, patterns of multiple uses encapsulate part of the semantic history of a grammatical marker, with older versions surviving even as reduction proceeds in vanguard environments and contexts of use. It is thus possible to recover and reconstruct not simply information about the source lexical constructions of grams, but also the stages along their developmental pathways. (Bybee et al., 1994, p.17-9)

Não obstante o estatuto desigual das hipóteses elencadas previamente, duas delas estão bastante interrelacionadas e interessam-me em particular, vale dizer, as denominadas *determinação pela fonte e trajetória universal*. A primeira estipula que o “significado da construção que entra em gramaticalização determina *unicamente* (sic) e trajetória que (o processo de) gramaticalização seguira e, conseqüentemente, os significados gramaticais resultantes” (Bybee et al. 1994, p.9). A segunda prediz que

se espera de qualquer (processo de) gramaticalização que começa com fontes iguais ou similares que siga o mesmo curso de mudança... trajetórias de diferentes fontes tendem a convergir assim que o significado gramatical se torna mais geral e abstrato, nos estágios mais avançados de gramaticalização (Bybee et al., 1994, p. 14-5)

Para explicar a congruência das trajetórias e resultados finais, ou seja, dos significados das formas gramaticalizadas nas línguas diferentes, Bybee et al. Remetem a universais lingüísticos³:

We attribute the fact certain grammaticizations paths are common in diverse genetic and areal groups to the existence of common cognitive and communicative patterns underlying the use of language (Bybee et al., 1994, p.15)

Com relação ao presente trabalho – a investigação dos itens *aí* e *então* – desnecessário salientar que inverti o foco adotado por Bybee et al.. Recorde-se que os autores em tela investigaram numerosas línguas, o que garantiu um escrutínio de variadas famílias lingüísticas e uma fecunda validação interlingüística para as propostas aventadas. A contrapartida, porém, é que os dados foram extraídos de fontes diversas, o que impediu que Bybee et al. pudessem controlar efetivamente fatores como os gêneros discursivos e as categorias analíticas usadas pelos pesquisadores dos variados trabalhos que alicerçaram as hipóteses mencionadas previamente.

Ao restringir o presente estudo a dois itens de uma mesma língua, perco em comparações interlingüísticas e ganho em profundidade, o que me permite identificar, de forma mais controlada, as propriedades cotextuais que contribuíram para a mudança do estatuto categorial de *aí*. Priorizo, portanto, os aspectos locais e graduais que favoreceram a convencionalização de inferências pragmáticas em inferências convencionais (Hopper & Traugott, 1993).

³ Referências a componentes lingüísticos universais podem ser encontradas também em Hopper & Traugott (1993). Estes salientam que os componentes não determinam completamente a natureza da estrutura lingüística, podendo ser modificados por estímulos exteriores e pelos propósitos funcionais a que a linguagem serve.

A segunda alteração, com respeito à proposta de Bybee et al., concerne ao próprio objeto de análise. Os autores em questão, como comentei anteriormente, focalizam os morfemas gramaticais que codificam categorias lingüísticas afetas a verbos – *modo, tempo, aspecto, modalidade* – enquanto esse trabalho se volta para os itens que atum na conexão entre orações. Acredito que este deslocamento teórico-metodológico não acarreta maiores problemas. O domínio funcional dos juntores oracionais também assiste a uma contínua renovação e exhibe regularidades capazes de referendar um acervo tão consistente quanto aqueles propostos para verbo-afixo e nome-afixo (Hopper & Traugott, 1993)

Uma vez considerada as questões teóricas que motivaram essa análise, passo a discorrer sobre a hipótese central que orientou o trabalho e os *corpora* que forneceram os dados para o estudo.

1. Os achados do português falado

O presente artigo, como salientei anteriormente, examina as funções⁴ juntivas e discursivas de *ái* e *então*, itens investigados por outros pesquisadores brasileiros, sob perspectivas teóricas diversas (Martelotta, 1993; Andrade, 1990; Abreu, 1992; Risso, 1996; Augusto, 2001, a título de exemplo). Os dados que fundamentaram a análise foram coletados nas transcrições de amostras de fala carioca de dois bancos de dados – Censo-80 e Tendência⁵ – bancos estes que integram o acervo do PEUL-Projeto de Estudos sobre o Uso da Língua, sediado na UFRJ. Valendo-me, portanto, das instâncias de *ái* e *então* produzidas em duas sincronias distintas, mas por falantes com características sociais semelhantes, meu objetivo é investigar parte do percurso de gramaticalização de *ái*, à luz da hipótese da trajetória universal (Bybee et al., 1994). Para atingir o mencionado objetivo e em consonância com os pressupostos da metodologia da variação, as ocorrências de *ái* foram contrapostas às de *então*, procedimento facultado pelo fato de os dois itens obedecerem ao pré-requisito estipulado por Bybee et al., qual seja, o de que as formas-fonte remetem, respectivamente, a tempo e a espaço, categorias cognitivas próximas, como se pode conferir em Heine et al., 1991:

Pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade

A adaptação das hipóteses de Bybee et al. aos interesses do presente artigo leva-me a postular que *ái* e *então* compartilham significados e podem ser empregados nos mesmos contextos, uma vez que estão em estágios avançados de gramaticalização.

De um outro ponto de vista teórico-metodológico, vale dizer, minha preocupação com o estudo de fenômenos de mudança em tempo real de curta duração, interessa-me examinar em que medida diferenças no comportamento lingüístico de falantes de duas sincronias diferentes podem fornecer informação relativamente segura a partir da qual é possível traçar a trajetória de gramaticalização de *ái*, dessa forma superando, parcialmente, a inexistência de fontes diacrônicas.

Para verificar as questões acima, restringi-me aos usos juntivos e discursivos de *ái* e *então*. A primeira categoria é auto-explicativa e inclui as ocorrências de orações combinadas por intermédio de um dos dois elementos em estudo. A segunda congrega as expressões formulaicas, a afixação de *ái* a substantivos e as utilizações de *ái* e *então* como elemento que

⁴ Neste trabalho, estarei utilizando as palavras *uso/função/significado* intercambiavelmente.

⁵ O segundo acervo, uma réplica do primeiro, foi constituído quase duas décadas depois e um de seus objetivos maiores é possibilitar a análise da mudança lingüística em tempo real de curta duração.

contribui para a organização da interação ou do tópico discursivo. Os exemplos que ofereço abaixo ilustram apenas as macro-categorias que serão abordadas no decorrer do trabalho. Desnecessário salientar que a identificação do estatuto categorial de *ai* e *então* em numerosas circunstâncias é controversa e fluida.

USOS JUNTIVOS

Seqüenciação:

F: ...eu fui andar de bicicleta, né? *Aí* [eu tirei]... eu tirei o chinelo, *ai* eu falei assim: “Olha, leva o meu chinelo.” *Aí* eu andei de bicicleta, ela... ela não queria segurar, né? (inint) [ela não escutou]..., ela não escutou. *Aí*. *Aí* eu andei de bicicleta, né? Quando... [quando]... quando eu fui ver... eu fui. *Aí* eu cheguei em casa, eu não sabia, *ai* [eu tomei banho]... tomei banho, *ai* eu estava descalça, né? *Aí* eu falei assim: cadê meu chinelo?” Ela falou: “Eu não sei!” Mas eu dei um berro. Mas eu chorei, falei assim: “Cadê meu chinelo?” *Aí* minha mãe foi, [pegou]... pegou uma vara (Adri57)

Continuação

Ent: Mas, por que você não se dá bem com seus vizinhos? Você acha que lá eh... Eles são individualistas ou...

F: Ah, não. É muita fofoca... um tal de disse me disse, [todo]... tudo deles tem briga, eles brigam quase todo dia, aqueles vizinho, quase todo dia eles estão discutindo. Então eu prefiro, sabe? evitá, fico mais com as minhas filhas, deixo eles pra lá.. “Ah, Jup, vem aqui!” Que? Vou nada. Porque tem uma parte que tem assim um campinho, né? *ai* eles ficam lá por cima, né? (Jup06)

USOS DISCURSIVOS

Retomada de sub-tópico discursivo:

F: que ele [Alexandre Pires] falou [mal] dos nortistas. Do norte, né? Agora o que ele falou eu não sei, não vi porque não via a outra... Não sei onde foi que ele falou. Acho que foi na Hebe que ele falou: que o nortista é um... sabe eu quase eu não presto atenção. Porque às vezes na minha cabeça... gente. É difícil na minha casa não ter gente. Você sabe ontem mesmo eu disse: “Se hoje fosse dia de dar entrevista a ele tava ruim.” *Aí* ele foi pedir desculpas. Ele falou que num (Nad36)

USO AFIXAL

Fal: ...o corpo de uma mulher... a mulher tá se desvalorizando demais. eu acho mesmo,, entendeu? Mostrando bunda, *peito ai*, direto. (ER59)

Os trechos acima ilustram as categorias a serem consideradas nesse trabalho: seqüenciação, continuação, retomada de sub-tópico discursivo e afixação de *ai* a Ns. Quanto às duas primeiras, serão consideradas como seqüenciais aquelas orações encabeçadas por *ai* ou

então que estão ordenadas no eixo temporal, categoria paradigmaticamente ilustrada pelas cláusulas narrativas. Como lembra Labov (1972), de acordo com esse critério, a alteração na ordenação de uma das orações de uma seqüência corresponderia a uma outra ordenação dos fatos a que elas remetem. Esse fator não se esgota, todavia, com as cláusulas narrativas, já que aqui compreende, também, as orações do gênero de procedimentos e das descrições de vida. Com referência aos segmentos continuativos, no entanto, a ordenação temporal é irrelevante.

Os resultados para as duas funções juntas são exibidos nos gráficos seguintes.

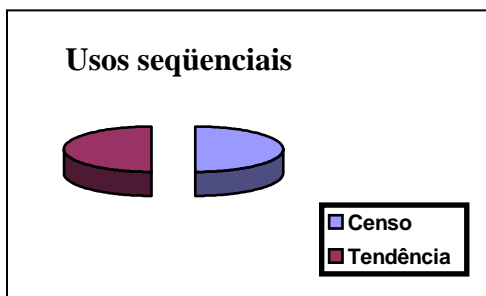


Gráfico 1: Usos seqüenciais de *aí*

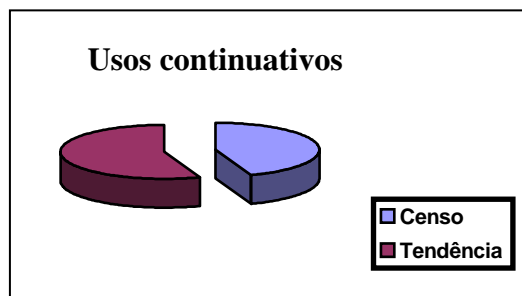


Gráfico 2: Usos continuativos de *aí*

O estudo dos juntivos mostra que:

1. *aí* prototipicamente encabeça as orações dispostas em seqüência;
2. tanto *aí* quanto *então* podem iniciar orações que “continuam” o discurso. As diferenças estatísticas para as duas sincronias sugerem, no entanto, que *aí* está ganhando espaço, nesse contexto, às expensas de *então*.

Quanto às funções discursivas, priorizei o papel desempenhado por *aí* na organização do tópico discursivo⁶, para o qual ofereço resultados que podem ser contemplados no gráfico a seguir.



Gráfico 3: *Aí* discursivo em sincronias distintas

Cotejo entre as estatísticas para as duas sincronias revela que o uso de *aí* como elemento que colabora para a *organização do tópico discursivo* está se difundindo. Cumpre esclarecer, todavia, que o agrupamento dos dados mascara um fato: a difusão de *aí* se restringe à *sinalização de*

⁶ As células para organização da interação não são confiáveis e serão ignoradas neste artigo. Também desconsidere as expressões formulaicas, por requerem uma análise à parte.

retomada tópica ($37/52 = 71,0\%$); a *sinalização de fechamento do tópico*, categoria que compreende, também, as *seqüências avaliativas*, continua se fazendo por intermédio de *então*, como mostra o gráfico seguinte.

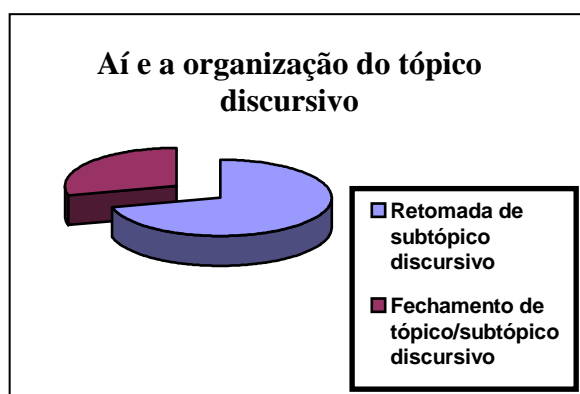


Gráfico 4: Usos discursivos de *aí*

O uso *afixal* de *aí*, por outro lado, quase que dobrou, passando de 11 ocorrências, na Amostra Censo-80 para 20, na Amostra Tendência, resultado que se harmoniza com o descoberto para a *sinalização de retomada de sub-tópico discursivo*.

Face aos resultados apresentados acima, concluo que:

- a intercambialidade parcial entre *aí* e *então* nos contextos *continuativos* contrasta com o predomínio, praticamente absoluto, de *aí* nas porções *seqüenciais*. Quanto aos usos referentes à organização do tópico discursivo, a distribuição de *aí* e *então* é sugestiva de uma certa especialização funcional: prefere-se o primeiro quando da retomada de sub-tópico discursivo, mas prioriza-se o segundo quando da sinalização de fechamento de tópico / sub-tópico discursivo. Ressalte-se, também, a especificidade de *aí* no que concerne ao uso *afixal*, sem contrapartida produtiva por parte de *então*;
- a comparação entre os dados para as duas sincronias revela algumas alterações em tempo real de curta duração. *Aí* parece estar ganhando espaço enquanto *sinalizador de retomada de sub-tópico discursivo*, uso que representa um espraiamento de uma outra função, o de *sinalização de continuação*. O fato de *aí*, nos períodos constituídos por orações combinadas por continuação, apenas indiciar que as orações estão interligadas, delegando ao interlocutor a tarefa de inferir a possível relação semântica que se instaura entre elas, teria permitido sua irradiação para a esfera da organização do tópico discursivo. Embora os níveis de articulação de oração e tópico discursivo seja distintos, sob a perspectiva funcional, o papel de *aí* é o mesmo: a indicação de que vem mais material lingüístico pela frente.

O que a análise desenvolvida até o momento sugere, então, é que, quanto a *aí* e *então*, a hipótese da trajetória universal confirma-se apenas parcialmente. O fato de o intervalo temporal entre as amostras Censo-80 e Tendência ser pequeno pode ser uma explicação para o resultado a que cheguei.

2. Conclusões

Neste artigo, investiguei o item *aí*, contrapondo-o a *então*, à luz da hipótese da trajetória universal, proposta por Bybee et al. (1994), subvertendo algumas de suas características: a base interlingüística e o fato de ter sido proposta com vistas à investigação dos morfemas verbais.

Uma outra modificação incidiu sobre o material que fundamentou o meu estudo: tempo real de curta duração. Assim procedendo, visava a superar uma dificuldade básica inerente aos estudos voltados para a trajetória de *aí* rumo aos significados juntivo e discursivo: a inexistência de material diacrônico que fundamentasse a análise. A utilização de amostras de fala produzidas por falantes com características sociais similares em sincronias distintas permitiu, igualmente, um exame mais rigoroso das propriedades cotextuais que facultaram / estão facultando o processo de recategorização de *aí*.

Os resultados a que cheguei sugerem uma comprovação parcial para a hipótese motivadora do trabalho, possivelmente uma decorrência do pequeno interstício temporal que separa a constituição das duas amostras que fornecem as ocorrências de *aí* e *então*.

O estudo prova, por fim, que o processo de gramaticalização é lento, gradual e que se inicia em contextos restritos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, M.T.T.V. *Elementos conjuntivos: sua variação em narrativas orais e escritas*. 1992. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.
- ANDRADE, M.L.V. *Contribuição à gramática do português falado: estudo dos marcadores conversacionais Então, Aí, Daí*. 1990. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 1990.
- AUGUSTO, M.R.A. *O uso de “Então”: uma comparação entre português europeu e português brasileiro*. Campinas: UNICAMP, 2001. (Mimeogr.)
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- HEINE, B.; CLAUDI, U. & HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago, The University of Chicago Press, 1991
- HOPPER, P. On some principles of grammaticization. TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (Ed.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. 2v.
- HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LABOV, W. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LEHMANN, C. *Thoughts on grammaticalization: a programmatic sketch*. AKUP-48. Cologne: University of Cologne, 1982.

- MARTELOTTA, M.E. T. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. 1993.
Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.
- RISSO, M.S. O articulador discursivo “então”. CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. M. (Org.)
Gramática do português falado. Campinas: EDUNICAMP, 1996. v.4